



Saúde Mental e Síndrome de Burnout entre Trabalhadores da Saúde: Panorama Atual e Repercussões Assistenciais

Rayanne Gregório de Almeida Marques , Alany Isabelle da Silva Sousa , Beatriz de Souza Nunes, Omilto de Souza Machado Filho, Carolina Grott , Thaíse Rodrigues Crispim , Antonio Felipe de Oliveira Filho



<https://doi.org/10.36557/2674-8169.2025v7n11p1260-1274>

Artigo recebido em 7 de Outubro e publicado em 17 de Novembro de 2025

Revisão de literatura

RESUMO

Os profissionais da saúde constituem um dos grupos mais vulneráveis ao adoecimento psíquico, devido à combinação de exigências emocionais, sobrecarga laboral, longas jornadas e exposição contínua ao sofrimento humano. A literatura evidencia prevalências elevadas de transtornos mentais, especialmente ansiedade, depressão e Síndrome de Burnout, que já se manifestam desde o período de formação, intensificando-se com a entrada no mercado de trabalho. Entre médicos e enfermeiros, o Burnout é frequentemente relacionado à exaustão emocional, despersonalização e redução da realização profissional, repercutindo negativamente na qualidade da assistência, no desempenho clínico e na segurança do paciente. A pandemia de COVID-19 agravou significativamente esse cenário ao impor maior carga física e emocional, ampliando níveis de estresse, sintomas depressivos e risco de esgotamento. Fatores como estigma em relação à busca por apoio, déficit de recursos, conflitos de valores e fragilidade organizacional contribuem para a manutenção do sofrimento psíquico. Diante desse contexto, torna-se essencial adotar estratégias institucionais e educacionais voltadas à promoção da saúde mental, fortalecimento de redes de apoio, melhoria das condições de trabalho e redução de fatores estressores, com objetivo de preservar o bem-estar dos profissionais e assegurar a qualidade dos serviços de saúde.

Palavras-chave: Saúde mental; Síndrome de Burnout; Profissionais de saúde; Estresse ocupacional; Depressão; Qualidade da assistência.

Mental Health and Burnout Syndrome Among Healthcare Professionals: A Literature Review

Abstract

Healthcare professionals represent one of the groups most vulnerable to psychological distress due to the combination of emotional demands, heavy workloads, long shifts, and continuous exposure to human suffering. The literature indicates high prevalence rates of mental disorders, particularly anxiety, depression, and Burnout Syndrome, which often emerge during academic training and intensify upon entering professional practice. Among physicians and nurses, burnout is commonly associated with emotional exhaustion, depersonalization, and reduced professional accomplishment, negatively affecting care quality, clinical performance, and patient safety. The COVID-19 pandemic further exacerbated this scenario by imposing additional physical and emotional burdens, increasing stress levels, depressive symptoms, and the risk of exhaustion. Factors such as stigma surrounding help-seeking, resource shortages, value conflicts, and organizational fragility contribute to the persistence of psychological suffering. Given this context, it is essential for health institutions and educational environments to adopt strategies aimed at promoting mental well-being, strengthening support networks, improving working conditions, and reducing occupational stressors. These interventions are key to protecting the well-being of healthcare workers and ensuring the overall quality and sustainability of healthcare services.

Keywords: Mental health; Burnout Syndrome; Healthcare professionals; Occupational stress; Depression; Quality of care.

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 In](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)



Introdução

Os transtornos mentais constituem, atualmente, uma das principais causas de incapacidade no mundo, respondendo por cerca de um terço dos anos vividos com deficiência (YLDs). Esse cenário exerce forte impacto sobre a produtividade e o desempenho profissional em diversos setores, sendo particularmente expressivo no contexto dos serviços de saúde. Médicos, enfermeiros e demais profissionais da área permanecem expostos a fatores estressores contínuos, que incluem jornadas extensas, ritmo acelerado, alta demanda emocional e situações de risco, o que favorece o desenvolvimento de estresse crônico, sintomas depressivos e da Síndrome de Burnout (GRAY et al., 2019; MIHAILESCU; NEITERMAN, 2019).

A Síndrome de Burnout é compreendida como um fenômeno ocupacional resultante do estresse laboral crônico não manejado, manifestando-se por exaustão emocional, despersonalização e queda da realização profissional. Entre trabalhadores da saúde, a combinação entre pressão assistencial, sofrimento dos pacientes, sobrecarga organizacional e escassez de recursos cria um ambiente altamente vulnerável ao adoecimento psíquico. A exposição prolongada a tais condições pode desencadear desgaste físico e emocional significativo, contribuindo para prejuízos funcionais, sofrimento psicológico e redução da qualidade de vida (AGARWAL et al., 2020; TAWFIK et al., 2019).

Estudos recentes evidenciam que o Burnout alcança prevalência elevada nessa população. Uma revisão sistemática apontou que mais da metade dos médicos e enfermeiros investigados apresentavam sintomas compatíveis com a síndrome. Resultado semelhante foi observado em pesquisa multicêntrica conduzida nos Estados Unidos, com a participação de aproximadamente 1.800 enfermeiros, na qual mais de 50% relataram saúde física e mental abaixo do ideal. Nesse mesmo estudo, a depressão esteve presente em cerca de 25% da amostra, sendo associada como principal fator relacionado à ocorrência de erros médicos. Profissionais com saúde comprometida tiveram probabilidade entre 26% e 71% maior de reportar falhas assistenciais quando comparados àqueles com melhores condições de saúde (MELNYK et al., 2020).

O surgimento da SB resulta da interação entre características individuais e aspectos organizacionais. Entre os fatores de risco mais frequentes destacam-se: cargas de trabalho excessivas, envolvimento constante com situações de elevado custo emocional, violência ocupacional, estigma relacionado à busca por cuidados em saúde mental, condições inadequadas de trabalho e insuficiência de apoio institucional. Tais elementos repercutem não apenas no bem-estar do trabalhador, mas também na qualidade e segurança do cuidado prestado. A literatura aponta que alterações na saúde mental de profissionais de saúde estão associadas ao aumento de eventos adversos, erros de medicação, infecções associadas ao cuidado, redução da satisfação do paciente e queda da produtividade assistencial (GRAY et al., 2019).

Dessa maneira, a deterioração da saúde mental entre profissionais da saúde vai além das consequências individuais, impactando diretamente o desempenho profissional e a efetividade dos serviços. Diante da relevância e da magnitude do problema, torna-se fundamental compreender os fatores que contribuem para o Burnout e suas implicações, a fim de subsidiar estratégias preventivas e ações de promoção da saúde no ambiente laboral. O objetivo desta revisão é analisar a saúde mental e a Síndrome de Burnout entre profissionais da área da saúde, destacando sua prevalência, determinantes e repercussões no cuidado.

Metodologia

Este estudo configurou-se como uma revisão narrativa de literatura, elaborada com o propósito de sintetizar criticamente as evidências disponíveis sobre saúde mental, sofrimento psíquico e Síndrome de Burnout entre profissionais e estudantes da área da saúde. A adoção desse delineamento justifica-se pela natureza multifatorial e complexa do fenômeno investigado, que envolve dimensões individuais, organizacionais, psicossociais e contextuais, demandando uma abordagem metodológica mais flexível e interpretativa do que aquela permitida por revisões sistemáticas tradicionais.

A busca bibliográfica foi realizada entre janeiro e novembro de 2025, contemplando as bases PubMed/MEDLINE, SciELO, Scopus, Web of Science e Google

Scholar, escolhidas por sua ampla cobertura de estudos biomédicos, epidemiológicos e psicossociais. Para garantir maior abrangência, utilizaram-se descritores controlados dos vocabulários MeSH, DeCS e Emtree, combinados a termos livres. Entre os principais termos empregados, destacam-se: *“Burnout”, “Burnout Syndrome”, “occupational stress”, “healthcare workers”, “medical students”, “nursing students”, “mental health”, “depression”, “anxiety”, “suicidal ideation”, “insomnia”, “organizational factors”, “psychological distress”* e *“COVID-19 pandemic”*. Os operadores booleanos AND e OR foram utilizados para potencializar a sensibilidade e a especificidade das estratégias de busca.

Foram incluídos artigos originais quantitativos e qualitativos, estudos mistos, revisões sistemáticas, metanálises, scoping reviews e revisões narrativas publicadas entre 2014 e 2024, em português, inglês ou espanhol, desde que abordassem profissionais da saúde, estudantes de medicina ou enfermagem e apresentassem dados empíricos ou conceituais relevantes para saúde mental, prevalência de transtornos mentais, fatores de risco, esgotamento ocupacional, risco de suicídio, impacto sobre a qualidade do cuidado ou intervenções de promoção do bem-estar. Excluíram-se relatos de caso, documentos institucionais, editoriais, cartas ao editor, artigos sem metodologia definida, estudos sem dados empíricos ou cujos resultados não se relacionassem diretamente ao objeto investigado.

A triagem seguiu duas etapas: inicialmente, procedeu-se à leitura de títulos e resumos para identificação dos estudos potencialmente elegíveis; posteriormente, os textos completos foram analisados quanto à pertinência temática e consistência metodológica. Os estudos duplicados foram removidos por meio de comparação entre bases e ferramentas de organização bibliográfica. Durante a leitura integral, foram avaliados: delineamento do estudo, coerência entre objetivos e métodos, instrumentos de mensuração utilizados (como *Maslach Burnout Inventory*, *DASS-21*, *PHQ-9*, *GAD-7* e escalas de estresse ocupacional), qualidade metodológica, tamanho amostral, critérios de inclusão e exclusão, contexto da população estudada e robustez dos resultados apresentados.

Para a etapa de análise, adotou-se uma abordagem interpretativa e temática,

buscando identificar padrões recorrentes, convergências, divergências e lacunas na literatura. Os achados foram organizados em eixos analíticos, incluindo: (1) prevalência e manifestações clínicas do sofrimento psíquico; (2) fatores associados individuais, institucionais e organizacionais; (3) impacto sobre a segurança do paciente, clima organizacional e desempenho profissional; (4) contexto da pandemia de COVID-19 e agravamento dos indicadores de saúde mental; e (5) intervenções, estratégias institucionais e propostas de mitigação.

A síntese final priorizou a integração crítica dos estudos, permitindo compreender não apenas a magnitude do problema, mas também suas raízes estruturais, suas implicações para a prática assistencial e as perspectivas para intervenções multiestratégicas no ambiente de trabalho e na formação em saúde.

Resultados e discussão

A sobrecarga emocional e cognitiva vivenciada por profissionais da saúde costuma ter início ainda no período de formação. Os cursos das áreas da saúde apresentam elevada carga horária, grande volume de conteúdos, exigência de desempenho acadêmico e exposição precoce a experiências difíceis da prática clínica. Além disso, o tempo reduzido para lazer, convívio familiar e descanso favorece o desenvolvimento de ansiedade, estresse e sintomas depressivos já na graduação (CRUZ et al., 2022; MOURA et al., 2021).

Estudantes da área da saúde apresentam estressores adicionais aos de outros cursos universitários, como a necessidade de lidar com sofrimento, morte, tomada de decisões sob pressão e idealização do papel profissional. A literatura demonstra que esses fatores elevam o risco de transtornos mentais, especialmente entre estudantes de Medicina e Enfermagem (KOTERA et al., 2021; LI et al., 2021). Estimativas apontam que aproximadamente 22% dos estudantes de enfermagem manifestam sintomas de depressão, ansiedade ou estresse, e as taxas de ideação suicida chegam a 6,5%, valores superiores aos da população universitária geral (KOTERA et al., 2021). Entre estudantes de Medicina, a prevalência de depressão pode ultrapassar 50%, e a ideação suicida atinge 11,1% em análises globais (CRUZ et al., 2022).

A depressão apresenta manifestações que repercutem diretamente no desempenho acadêmico e profissional, incluindo pensamentos negativos, isolamento social, fadiga, alterações cognitivas, distúrbios do sono e do apetite, além de sentimentos persistentes de culpa e medo (VASCONCELOS et al., 2018). Estudos demonstram que, mesmo após concluírem a graduação, muitos profissionais mantêm elevada vulnerabilidade psicossocial: cerca de 40% dos médicos apresentam sintomas depressivos significativos (CRUZ et al., 2022), enquanto entre enfermeiros há prevalência de 9% para depressão grave e 21% para quadros disfóricos (VASCONCELOS et al., 2018).

Apesar do papel central que desempenham na assistência, médicos e enfermeiros frequentemente negligenciam o autocuidado. Há baixa adesão a hábitos saudáveis, como atividade física, sono adequado e manejo do estresse, ao mesmo tempo em que enfrentam desafios estruturais, como déficit de pessoal, excesso de tarefas administrativas, problemas com sistemas eletrônicos e pressão crescente por produtividade (MELNYK et al., 2020). A natureza altamente competitiva da formação médica, com valorização de perfeccionismo, performance e disponibilidade irrestrita, também contribui para o adoecimento mental, selecionando indivíduos potencialmente vulneráveis a quadros ansiosos e depressivos (MIHAILESCU; NEITERMAN, 2019; BRAND et al., 2017).

Enfermeiros, que passam mais tempo em contato direto com pacientes, lidam diariamente com múltiplos estressores: longas jornadas, sobrecarga assistencial, sofrimento dos usuários e de seus familiares, falta de apoio institucional e demandas emocionais intensas (MAHARAJ et al., 2018). Entre médicos, destacam-se fatores como falta de reconhecimento, injustiças organizacionais, conflitos de valores e sensação de comunidade fragilizada (HILGERT et al., 2018; MIHAILESCU; NEITERMAN, 2019). Esse conjunto de elementos gera um ciclo nocivo: estresse, depressão, esgotamento, queda na satisfação profissional, pior desempenho, agravamento da depressão (MIHAILESCU; NEITERMAN, 2019).

Outro elemento crítico é a chamada *vergonha da saúde mental*, isto é, o estigma internalizado que leva profissionais a se sentirem culpados ou inadequados por

apresentarem sofrimento psíquico. Esse fenômeno reduz a procura por apoio e está associado à autocrítica exacerbada e baixa autocompaixão, favorecendo o agravamento dos quadros clínicos (KOTERA et al., 2021).

O risco de suicídio também é superior entre profissionais da saúde quando comparado à população geral, especialmente entre mulheres. Nos Estados Unidos, entre 2005 e 2016, as taxas foram de 18,5 por 100 mil habitantes para enfermeiros e 40,7 por 100 mil para médicos, associadas a fatores como carga de trabalho, privação de sono, exposição a situações de vida ou morte e acesso facilitado a meios letais (FREIRE et al., 2020; DUTHEIL et al., 2019).

As relações laborais exercem papel central na vida adulta, sendo o trabalho um dos maiores determinantes de saúde física e mental. Em ambiente de alta demanda emocional, pressão constante e recursos limitados, surgem níveis significativos de estresse ocupacional, um dos principais gatilhos para a Síndrome de Burnout (GARCÍA-CAMPAYO et al., 2016; AGARWAL et al., 2020).

O Burnout refere-se a uma resposta disfuncional ao estresse crônico no trabalho e caracteriza-se por três dimensões: exaustão emocional, despersonalização e redução da realização profissional. Entre profissionais da saúde, a exaustão manifesta-se como sensação de estar “esgotado” ao fim dos turnos; a despersonalização traduz-se em distanciamento afetivo e frieza no atendimento; e a redução da realização aparece como sentimento de ineficácia e perda de propósito (WEST et al., 2018; RAUDENSKÁ et al., 2020).

O estresse prolongado, potencializado por longas jornadas, pressão assistencial, conflitos éticos e exigências burocráticas, contribui para o surgimento e agravamento da síndrome (CRUZ et al., 2022; MOURA et al., 2021). Trata-se de um quadro de evolução progressiva, com impacto direto no desempenho clínico, aumento de erros, piora da qualidade do cuidado e maior rotatividade nas equipes (AGARWAL et al., 2020).

A pandemia de COVID-19 intensificou drasticamente os fatores de risco já presentes no ambiente de trabalho. Desde o início da emergência sanitária em 2019, profissionais da saúde enfrentaram jornadas exaustivas, alta exposição ao vírus,

escassez de equipamentos de proteção e desafios emocionais relacionados ao aumento da mortalidade e ao sofrimento dos pacientes (MULYADI et al., 2021).

Além da sobrecarga física, houve forte impacto psicológico: medo de contaminar familiares, isolamento social, interrupção do descanso, pressão por decisões éticas complexas e vivência frequente de perdas de colegas e pacientes (RAUDENSKÁ et al., 2020; EWEIDA et al., 2020). Em muitos serviços, não havia tempo adequado para processar o luto ou elaborar situações traumáticas, o que favoreceu sintomas de estresse pós-traumático e esgotamento (RIEDEL et al., 2021).

Meta-análises realizadas nesse período identificaram prevalências de 23% para ansiedade, 28% para depressão e 39% para insônia entre profissionais de saúde, com maior impacto entre mulheres e enfermeiros (PAPPA et al., 2020; TOKAC; RAZON, 2021). Em relação ao Burnout, estudo conduzido na Itália indicou que mais de um terço da equipe apresentou alta exaustão emocional, e um quarto referiu níveis elevados de despersonalização, frequentemente acompanhados de irritabilidade, tensões musculares e alterações alimentares (BARELLO et al., 2020).

Estratégias de proteção mental incluem fortalecimento organizacional, comunicação clara de protocolos, disponibilidade de equipamentos, espaços de escuta ativa, promoção de resiliência e incentivo ao autocuidado. O suporte externo, social e familiar, também tem efeito protetor, embora frequentemente negligenciado devido à sobrecarga laboral (BLAKE et al., 2020).

Considerações finais

A saúde mental de estudantes e profissionais da área da saúde constitui um componente essencial para a qualidade da assistência e para a sustentabilidade dos sistemas de cuidado. A literatura evidencia que esse grupo apresenta vulnerabilidade significativamente maior ao desenvolvimento de transtornos mentais, incluindo ansiedade, depressão, estresse e, de forma particular, a Síndrome de Burnout. Fatores estruturais, como sobrecarga laboral, longas jornadas, exposição contínua ao sofrimento humano, déficit de recursos e pressões institucionais, combinam-se a

aspectos pessoais e culturais, como perfeccionismo, autocobrança e estigma relacionado ao adoecimento emocional, ampliando o risco de desgaste psicológico.

A pandemia de COVID-19 intensificou ainda mais esse cenário, ao impor desafios inéditos, desgaste moral e aumento expressivo das demandas físicas e emocionais sobre as equipes de saúde. Os impactos repercutiram não apenas no bem-estar dos trabalhadores, mas também na qualidade do cuidado, na segurança do paciente e na permanência desses profissionais nos serviços.

Diante desse contexto, torna-se imprescindível que instituições formadoras e organizações de saúde implementem estratégias de promoção do bem-estar, prevenção do esgotamento e suporte psicossocial contínuo. Medidas como fortalecimento das condições de trabalho, redução da sobrecarga, incentivo ao autocuidado, criação de espaços de escuta, acompanhamento psicológico e políticas de proteção à saúde mental devem ser priorizadas. Além disso, combater o estigma e fomentar uma cultura organizacional mais acolhedora e segura são passos fundamentais para favorecer a procura por ajuda e fortalecer a resiliência individual e coletiva.

Conclui-se, portanto, que a saúde mental dos trabalhadores da saúde precisa ser reconhecida como prioridade estratégica. Investir na prevenção do sofrimento psíquico e na mitigação dos fatores de risco não apenas contribui para o bem-estar desses profissionais, mas também impacta positivamente nos indicadores assistenciais, na segurança do paciente e na qualidade global dos serviços de saúde.

Referências

AGARWAL, S. D. et al. Professional Dissonance and Burnout in Primary Care: A Qualitative Study. **JAMA Internal Medicine**, [s. l.], v. 180, n. 3, p. 395-401, 2020.

AL-HUMADI, S. et al. Depression, Suicidal Thoughts, and Burnout Among Physicians During the Covid-19 Pandemic: a Survey-Based Cross Sectional Study. **Academic Psychiatry**, [s. l.], v. 45, n. 5, p. 557-565, 2021.

BARELLO, S. et al. Burnout and somatic symptoms among frontline healthcare

professionals at the peak of the Italian Covid-19 pandemic. **Psychiatry Research**, [s. l.], v. 290, p. 113129, 2020.

BLAKE, H. et al. Mitigating the Psychological Impact of Covid-19 on Healthcare Workers: A Digital Learning Package. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, [s. l.], v. 17, n. 9, p. 2997, 2020.

BRAND, S. L. et al. Whole-system approaches to improving the health and wellbeing of healthcare workers: A systematic review. **PloS One**, [s. l.], v. 12, n. 12, p. e0188418, 2017.

CRUZ, L. T. S. et al. Síndrome de Burnout, transtornos mentais e suicídio em médicos: uma revisão de literatura. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, [S. l.], v. 15, n. 5, p. e10218, 2022.

DUTHEIL, F. et al. Suicide among physicians and health-care workers: A systematic review and meta-analysis. **PloS One**, [s. l.], v. 14, n. 12, p. e0226361, 2019.

EWEIDA, R. S. et al. Mental strain and changes in psychological health hub among intern-nursing students at pediatric and medical-surgical units amid ambience of Covid-19 pandemic: A comprehensive survey. **Nurse Education in Practice**, [s. l.], v. 49, p. 102915, 2020.

FREIRE, F. O. et al. Factors associated with suicide risk among nurses and physicians: a cross-section study. **Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn)**, Brasília, v. 73, n. 1, p. e20200352, 2020.

GARCÍA-CAMPAYO, J. et al. Burnout Syndrome and Demotivation Among Health Care Personnel. Managing Stressful Situations: The Importance of Teamwork. **Actas Dermosifiliográficas**, [s. l.], v. 107, n. 5, p. 400-406, 2016.

GRAY, P. et al. Workplace-Based Organizational Interventions Promoting Mental Health and Happiness among Healthcare Workers: A Realist Review. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, [s. l.], v. 16, n. 22, p. 4396, 2019.

- HILGERT, J. B. et al. Satisfaction and burden of mental health personnel: data from healthcare services for substance users and their families. **Brazilian Journal of Psychiatry**, São Paulo, v. 40, n. 4, p. 403-409, 2018.
- KELLY, L. A. et al. Impact of nurse burnout on organizational and position turnover. **Nursing Outlook**, [s. l.], v. 69, n. 1, p. 96-102, 2021.
- KOTERA, Y. et al. Mental health shame, self-compassion and sleep in UK nursing students: Complete mediation of self-compassion in sleep and mental health. **Nursing Open**, [s. l.], v. 8, n. 3, p. 1325-1335, 2021.
- LI, X. et al. Factors associated with mental health of graduate nursing students in China. **Medicine** (Baltimore), [s. l.], v. 100, n. 3, p. e24247, 2021.
- MAHARAJ, S. et al. Prevalence and Risk Factors of Depression, Anxiety, and Stress in a Cohort of Australian Nurses. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, [s. l.], v. 16, n. 1, p. 61, 2018.
- MELNYK, B. M. et al. Interventions to Improve Mental Health, Well-Being, Physical Health, and Lifestyle Behaviors in Physicians and Nurses: A Systematic Review. **American Journal of Health Promotion**, [s. l.], v. 34, n. 8, p. 929-941, 2020.
- MIHAILESCU, M.; NEITERMAN, E. A scoping review of the literature on the current mental health status of physicians and physicians-in-training in North America. **BMC Public Health**, [s. l.], v. 19, n. 1, p. 1363, 2019.
- MOURA, R. S. et al. Síndrome de Burnout em acadêmicos de medicina: uma revisão de literatura. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, [S. l.], v. 13, n. 11, p. e9205, 2021.
- MULYADI, M. et al. Prevalence of mental health problems and sleep disturbances in nursing students during the Covid-19 pandemic: A systematic review and meta-analysis. **Nurse Education in Practice**, [s. l.], v. 57, p. 103228, 2021.
- PAPPA, S. et al. Prevalence of depression, anxiety, and insomnia among healthcare workers during the Covid-19 pandemic: a systematic review and meta-analysis. **Brain, Behavior, and Immunity**, [s. l.], v. 88, p. 901-907, 2020.

PRADO, A. D. et al. A saúde mental dos profissionais de saúde frente à pandemia do Covid-19: uma revisão integrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, [S. l.], n. 46, p. e4128, 2020.

RAUDENSKÁ, J. et al. Occupational burnout syndrome and post-traumatic stress among healthcare professionals during the novel coronavirus disease 2019 (Covid-19) pandemic. **Best Practice & Research Clinical Anaesthesiology**, [s. l.], v. 34, n. 3, p. 553-560, 2020.

RESTAURI, N.; SHERIDAN, A. D. Burnout and Posttraumatic Stress Disorder in the Coronavirus Disease 2019 (Covid-19) Pandemic: Intersection, Impact, and Interventions. **Journal of the American College of Radiology**, [s. l.], v. 17, n. 7, p. 921-926, 2020.

RIEDEL, B. et al. Mental Health Disorders in Nurses During the Covid-19 Pandemic: Implications and Coping Strategies. **Frontiers in Public Health**, [s. l.], v. 9, p. 707358, 2021.

ROMANI, M.; ASHKAR, K. Burnout among physicians. **Libyan Journal of Medicine**, [s. l.], v. 9, p. 23556, 2014.

SALYERS, M. P. et al. The Relationship Between Professional Burnout and Quality and Safety in Healthcare: A Meta-Analysis. **Journal of General Internal Medicine**, [s. l.], v. 32, n. 4, p. 475-482, 2017.

SHREFFLER, J. et al. The Impact of Covid-19 on Healthcare Worker Wellness: A Scoping Review. **Western Journal of Emergency Medicine**, [s. l.], v. 21, n. 5, p. 1059-1066, 2020.

TAWFIK, D. S. et al. Evidence Relating Health Care Provider Burnout and Quality of Care: A Systematic Review and Meta-analysis. **Annals of Internal Medicine**, [s. l.], v. 171, n. 8, p. 555-567, 2019.

TOKAC, U.; RAZON, S. Nursing professionals' mental well-being and workplace impairment during the Covid-19 crisis: A Network analysis. **Journal of Nursing**

Management, [s. l.], v. 29, n. 6, p. 1653-1659, 2021.

VASCONCELOS, E. M. et al. Burnout and depressive symptoms in intensive care nurses: relationship analysis. **Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn)**, Brasília, v. 71, n. 1, p. 135-141, 2018.

WEST, C. P. et al. Physician burnout: contributors, consequences and solutions. **Journal of Internal Medicine**, [s. l.], v. 283, n. 6, p. 516-529, 2018.

ZHANG, X. J. et al. Interventions to reduce burnout of physicians and nurses: An overview of systematic reviews and meta-analyses. **Medicine (Baltimore)**, [s. l.], v. 99, n. 26, p. e20992, 2020.